

Memés, Redes Sociais e Paixões Democráticas¹

Andrey Albuquerque MENDONÇA²

Marcella Moras RONCONI³

Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo visa discutir as relações entre os *memes* e sua disseminação nas redes sociais e o conceito de paixões democráticas trabalhado pelo filósofo francês Luc Ferry em sua obra *Inovação Destruidora*. Refletimos sobre as transformações que a cultura ocidental sofreu na contemporaneidade, inclusive e inescapavelmente, no campo da comunicação e como os *memes* podem representar essas novas formas de linguagem, mesmo em sua efemeridade, do humor, da crítica política e social.

Palavras-chave: *memes*, redes sociais, paixões democráticas, inovação destruidora.

Introdução

Vivemos numa era de transformações sem precedentes na história humana, afirmam alguns historiadores. Nos últimos cinquenta anos, o mundo foi abalado de forma sistemática pela queda e ascensão das mais variadas formas políticas, sociais, culturais, religiosas, geopolíticas e econômicas. E, talvez, a diferença mais substancial entre o contemporâneo e a história que nos antecedeu, seja a revolução dos meios de comunicação, que agora nos ofertam, em tempo real, uma enxurrada de informações dos mais variados tipos e dos cantos mais remotos do planeta.

Uma das mais devastadoras consequências dessas transformações pelas quais o mundo passou nas últimas décadas, é o que o filósofo francês Luc Ferry chama de *nonsense*: “a principal característica da história mundial hoje é que não sabemos nem que mundo nós construímos, nem por que o fazemos” (2015, p. 31). Sua crítica, não lhe fecha os olhos aos benefícios que as transformações trouxeram à sociedade, no entanto, o filósofo compreende que aspectos econômicos, político, sociais e tecnológicos ligados à noção de inovação destruidora (sobre a qual falaremos adiante) retiraram o sentido, a direção, o propósito e o objetivo pelos quais o mundo ocidental, especialmente, fora pensado desde o

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Ciência da Religião e Religião na PUC-SP, email: andrey.mendonca@espm.br.

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da ESPM-SP, email: marcellamorasonconi@hotmail.com

séc. XVIII.

Entrementes, a falta de sentido no mundo, não é descoberta do filósofo francês, mas parte de certa tradição filosófica pessimista que remonta à filosofia alemã de Schopenhauer e Nietzsche, passando pela literatura russa de Dostoievski e Tolstói à filosofia da existência de Sartre e Camus. Pensadores pós-iluminismo que compreendiam que a rejeição à tradição e as mudanças impostas pela “nova ordem mundial”, capitalista, massificada e desprovida de qualquer traço de transcendência, causaria um certo tipo de fratura ontológica no ser humano, que o tornaria incapaz de construir algo que lhe satisfizesse a existência.

Ao falarmos dessas transformações que atingiram de forma profunda todos os campos do conhecimento e da cultura, não apenas no ocidente, mas também no oriente, a comunicação humana, em todas as suas dimensões não saiu ileso desse processo, sendo modificada de forma substancial tanto pela velocidade instantânea na qual acontece, quanto pela tecnologia da informação que reconfigurou de maneira sensível as esferas de poder e controle da comunicação, agora inseridas num mundo globalizado.

Se a modernidade prometeu à humanidade que a racionalidade científica instrumentalizada pela tecnologia substituiria os sentimentos e paixões “primitivos” tornando a convivência global pacífica e sem ruídos, esse projeto, ao nosso ver, fracassou. Luc Ferry nos leva de volta no tempo à primeira metade do séc. XIX, no qual o filósofo francês Alexis de Tocqueville em seu ensaio “Democracia na América” falará sobre as paixões democráticas. Isto é, as coisas da vida cotidiana, desde acontecimentos banais aos bastidores da política que mais tocam as pessoas – e não as “grandes questões filosóficas” – são o assunto mais divulgado pela grande imprensa.

A respeito das paixões democráticas, Luc Ferry elenca quatro “sentimentos poderosos que dão o tom dominante nas grandes correntes políticas” e que, por conseguinte, mobilizam a produção de conteúdo midiático, são elas: a indignação, o medo, a inveja e a cólera (FERRY, 2015, p. 45-46). Esses sentimentos, aliados à velocidade da informação e às plataformas de produção de conteúdo, especialmente, as redes sociais, impulsionam o que o autor chama de “inovação destruidora”, ou simplesmente, a inovação pela inovação desprovida de qualquer sentido histórico.

O termo “inovação destruidora” que dá o título à obra de Luc Ferry, na qual nos

apoiamos, não é novo no universo acadêmico. O autor nos remete à Joseph Schumpeter, reconhecidamente um dos maiores economistas do séc. XX, que cunhou a expressão “destruição criadora” ao se referir à lógica capitalista neoliberal que, em sua leitura, cria um ciclo de obsolescência percebida junto ao mercado consumidor, sem fim. Esta sensação que é criada nas pessoas de que elas necessitam substituir, constantemente, seus objetos, valores, relacionamentos, posição política ou ideológica, enfim, tudo aquilo que faz parte da cultura na qual estamos inseridos.

Não seria essa inovação destruidora a causa, ao menos em parte, das transformações no campo da comunicação e da linguagem que percebemos em nosso cotidiano? Sim, podemos falar de novos paradigmas ao estilo de Thomas Kuhn, ou de metalinguagem como o fez Haroldo de Campos e Décio Pignatari, entre outros. Todavia, há um fato social que queremos destacar: embora a produção e a recepção da comunicação tenham sido transformadas, a linguagem limitada em até cento e quarenta caracteres⁴, e uma grande exposição de figuras pré-fabricadas que quase instantaneamente, povoam diversas redes sociais logo após acontecimentos de toda espécie em todo o mundo – os *memes* – nos parece plausível que são as paixões democráticas sobre as quais Tocqueville houvera escrito em meados do séc. XIX que movem essa grande engrenagem global, impulsionada, como veremos, pela Internet e por uma civilização baseada na espetacularização.

Redes sociais e a espetacularização da vida

De acordo com Laura Garton, uma rede social é quando uma rede de computadores conecta a uma rede pessoas e organizações. No século XXI, surge um novo tipo de mídia, que é o primeiro meio da história que possui suporte nativo para grupos de conversação ao mesmo tempo. A internet permitiu a possibilidade de difusão da informações de maneira interativa e rápida, criando novos canais e, ao mesmo tempo, inaugurando a possibilidade de uma pluralidade de novas informações circular nos grupos sociais. (RECUERO, 2009, p. 116)

A ideia de rede social surgiu no início do século XX, conceituada, de forma geral, como grupos de indivíduos que, por meio de interações, estabelecem tipos de laços sociais pelos quais são transmitidos fluxos de informação. Ao mesmo tempo, sites de redes sociais são apenas sistemas, que agem como ferramentas para que os indivíduos possam expor suas

⁴ Uma alusão à rede social Twitter que restringe as postagens em forma de texto a cento e quarenta caracteres.

próprias redes. Esses sites mostram as redes sociais de cada ator de forma pública e possibilitam que o mesmo se construa interações. Dentre os sites de redes sociais, há duas categorias – os sites de redes sociais propriamente ditos e os apropriados. Os propriamente ditos como o *Facebook*, são aqueles cujo foco é tornar os atores e suas conexões públicas. Enquanto os sites de redes apropriados são assumidos pelos atores, mas não foram criados originalmente com a função de publicitar as redes sociais, como um blog ou *Twitter*. (RECUERO, 2009).

O *Facebook*, como qualquer site de rede social propriamente dito, tem sua estrutura formada para receber, apoiar e publicitar as redes sociais. Estas são compostas por três elementos principais – os atores, as conexões e o fluxo de informação criado por eles. Os atores são considerados como criações identitárias elaboradas para a interação no ciberespaço. As conexões são os laços sociais construídos a partir das interações realizadas entre atores de uma rede em comum, o que nos leva ao conceito de capital social, que, de acordo com Bourdieu, corresponde aos benefícios que certo indivíduo pode vir a receber em troca de ceder sua individualidade em prol do coletivo, ato essencial para que ocorra a formação e a articulação de uma manifestação social.

Cada interação entre atores sociais de uma mesma rede carrega em si um capital social que, inserido no contexto da formação de um coletivo ativista, pode ser traduzido num valor percebido pelo(s) outro(s) participante(s) da rede, valor este relacionado à reputação, confiança, difusão de informações e credibilidade, entre outros. (BRAGA, 2013)

As redes apresentam uma dinamicidade, devido aos processos de interação entre os atores. Para se ter maior compressão das formas de relações possíveis encontradas entre o ativismo em rede e os meios digitais, é preciso observar as dinâmicas das redes sociais. A cooperação, a competição e o conflito são elementos sobressalentes nas dinâmicas da rede. Segundo Recuero (2009) a cooperação é essencial para a compreensão das ações coletivas dos atores que compõem a rede social, é um processo formador de estruturas sociais. A cooperação é essencial para a criação e manutenção da estrutura, enquanto o conflito contribui para o desequilíbrio e a competição colabora para o fortalecimento de uma estrutura social. Além desses três elementos, a *clusterização* é de extrema importância para a compreensão do processo de formação e articulação das novas formas de manifestações sociais. Esse aspecto corresponde a um processo formador das comunidades virtuais como consequência do agrupamento. Alguns atores possuem um número de conexões muito

maior que o resto dos indivíduos.

Esses conectores possuem a importante função de difundir informações para o maior número de pessoas possíveis, ou seja, todos aqueles presentes em suas redes de conexões. São atores que estabeleceram, através de suas interações e laços, um capital social sólido para com os demais conectados. Possuem credibilidade e conseguem disseminar conhecimento de valor para aqueles que se conectam com eles por determinados fins coletivos. (BRAGA, 2013)

Na obra *Civilização do Espetáculo*, Llosa (2013) começa recapitulando cinco autores que se detiveram sobre a questão da cultura nas últimas décadas. Llosa, primeiro, fala de T. S. Elliot, poeta anglo-americano, que lamentava a decadência da cultura ocidental, defendendo a alta cultura das elites e rejeitando a ideia de que esta deve ser democratizada, no seu ensaio *Notas para uma definição de cultura* (1948).

Em seguida, Llosa recapitula as ideias de George Steiner. Esse autor compartilha o pessimismo de Elliot, visto que segundo ele “uma parte importante da poesia, do pensamento religioso e da arte já desapareceu da proximidade pessoal para passar à custódia dos especialistas”. Então, a palavra, segundo Steiner, estaria cada vez mais subordinada à imagem e à música.

Alguns anos antes do ensaio publicado por Steiner, Guy Debord, vanguardista radical, publicou *A Sociedade do Espetáculo* (1967). Nessa obra, Debord afirma que na nossa sociedade a mercadoria atinge tal importância na vida das pessoas que se sobrepõe a qualquer outro interesse ou preocupação de ordem cultural, intelectual ou política: o indivíduo se entrega assim, e obsessivamente, ao consumo sistemático de objetos “muitas vezes inúteis ou supérfluos, que as modas e a publicidade lhe vão impondo, esvaziando sua vida interior de preocupações sociais, espirituais ou simplesmente humanas, isolando e destruindo a consciência que ele tenha dos outros, de sua classe e de si mesmo”.

Em seguida, Llosa traz um outro ator que analisa a questão da cultura sob a perspectiva da globalização: Gilles Lipovetsky, em *A cultura-mundo – resposta a uma sociedade desorientada* (2009). A globalização, de acordo com o autor, apaga fronteiras e faz com que a cultura deixe de ser elitista, erudita e excludente para se transformar numa genuína cultura de massas, que tem como objetivo oferecer entretenimento para o maior número de pessoas possível.

O quinto autor trazido por Llosa é o sociólogo Frédéric Martel, que explica que a “cultura do entretenimento” substituiu quase universalmente aquilo que era entendido por

cultura há apenas meio século. Segundo o autor, a maioria das pessoas não pratica, não consome, nem produz hoje outra forma de cultura que não seja aquela que era considerada pelos setores cultos, de maneira depreciativa, mero passatempo popular.

Vargas Llosa então, após recapitular esses cinco autores, aponta um dos principais traços da cultura atual:

A distinção entre preço e valor se apagou, ambos agora são um só, tendo o primeiro absorvido e anulado o segundo. É bom o que tem sucesso e é vendido; mau o que fracassa e não conquista o público. O único valor é o comercial. O desaparecimento da velha cultura implicou o desaparecimento do velho conceito de valor. O único valor existente é agora o fixado pelo mercado. (LLOSA, 2013, p. 27)

A partir do exposto, o autor nos mostra o conceito de civilização do espetáculo: “É a civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal.” (LLOSA, 2013, p. 29)

A cultura, então, tornou-se sinônimo de passatempo, em que a literatura light, assim como o cinema light e a arte light, dão ao espectador a sensação de que é culto, revolucionário, moderno por meio de um mínimo esforço intelectual. Dessa forma, essa nova cultura nasce com o predomínio da imagem e do som sobre a palavra. Essa cultura pós-moderna que se pretende avançada e de ruptura, na verdade propaga o conformismo através de suas piores manifestações: a complacência e a autossatisfação. Então, a cultura passa a ser vista como um produto comercial em jogo do mercado, onde seu preço passa a ser confundido com seu valor. (LLOSA, 2013)

Memes como forma de comunicação das paixões democráticas

Paula Sibilia (2008) discorre sobre a Web 2.0, referindo-se ao momento da internet em que seus usuários passaram a interferir no conteúdo disponível no ciberespaço. Dessa forma, a Internet tornou-se um meio das pessoas criarem e compartilharem ideias e informação. Nesse contexto, surgem os sites de redes sociais que, segundo Boyd e Ellison (2012), são aqueles que permitem “(1) a construção de um perfil público ou semi-público em uma determinada ferramenta; (2) a articulação de uma lista de conexões e (3) a possibilidade de ver e navegar nessas conexões disponibilizadas na mesma ferramenta.”

O compartilhamento dos conteúdos produzidos para uma plataforma em uma rede social, faz com que esses conteúdos sejam vistos por milhares de pessoas que, por sua vez, irão repassar para as suas redes de relacionamentos e assim por diante. Os *memes* estão

dentro desses conteúdos produzidos e compartilhados na Internet.

Proposta por Dawkins (1976), a definição de *meme* é de que são construções propagadas e multiplicadas pelos usuários, uma imitação da vida real, pois toda sua construção é baseada em algo que remete à memória dos usuários. Os usuários, então, são produtores e disseminadores de suas criações, e as redes sociais apresentam um papel essencial na disseminação de tais conteúdos e também no reconhecimento desses criadores.

A natureza de liberdade de expressão e compartilhamento da internet favoreceu a proliferação dos conteúdos criados pelos próprios usuários da web, conteúdos que retratam suas próprias vidas, dificuldades, alegrias, ironias e, em geral, a comicidade é usada para fazer sátira da vida real. Essas criações utilizam-se de várias formas de expressão como imagens, vídeos e *gifs*. A estas informações, transmitidas das mais diversas formas, e compartilhadas inúmeras vezes, dá-se o nome de *meme*.

Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os *memes* propagam-se no "fundo" de *memes* pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga a si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro. (DAWKINS, 1976, p. 112)

No que diz respeito a forma de expressão por meio de imagens simbólicas e trouxeram a inovação de ser possível expressar emoções através de pequenas imagens, *emoticons* são predecessores dos *memes*.

Na perspectiva da comunicação, essas ferramentas possibilitaram uma nova forma de se comunicar, visto que não necessariamente ocorre interação entre os usuários, pois alguns conteúdos são apenas vistos e compartilhados pelas pessoas sem que essas façam algum tipo de comentário com o criador da imagem. Muitas vezes, o produtor do conteúdo nem mesmo é conhecido pelo restante dos usuários, saber quem o fez é irrelevante.

Segundo Fontanella (2009), fenômeno típico da cibercultura, o *digital trash* envolve as práticas de “produção, reprodução, compartilhamento e consumo de produções textuais, e audiovisuais fundamentadas em uma estética intencionalmente tosca, difundida frequentemente nas redes sociais”. De certa forma, o lixo digital constituiu um gênero da micromídia digital, mobilizador dos internautas enquanto gera prazer em produzir e interagir com os produtos midiáticos e com outras pessoas. Ainda, esse fenômeno tem como incentivo a insatisfação dos indivíduos quanto às fórmulas industriais da mídia digital, além da facilidade em reproduzir e compartilhar conteúdos no ciberespaço. Além disso, a

narrativa comum do *digital trash* é caracterizada pela crítica e ironia, pelo grotesco e pela banalidade (PRIMO, 2007). Esse fenômeno seria uma espécie de matéria prima para a formação do “tecido social” através das interações mediadas na Internet. (FONTANELLA, 2009)

Como foi recentemente estabelecido, o sorriso, o riso e as lágrimas são-nos inatos (Eibl-Eibesfeldt, 1970, e em publicação). Trata-se de uma característica profunda, constitutiva da natureza humana, e sobre a qual as culturas vão elaborar as suas semióticas diversas, sem nunca lhes anular as significações antropológicas originais. Não podemos dizer se o sorriso, o riso ou as lágrimas surgiram antes do *sapiens*, mas o que é provavelmente próprio do *sapiens* é a intensidade e a instabilidade que assumem a alegria e a tristeza. Risos e lágrimas são estados violentos, convulsivos, espasmódicos, são rupturas, abalos e, de resto, podem reunir-se e permutar-se (MORIN, 1973, p. 105).

Dawkins aponta como características essenciais dos *memes*: a longevidade, a fecundidade e a fidelidade das cópias. Sendo a longevidade a capacidade de o *meme* permanecer no tempo, fecundidade seu poder de gerar cópias e fidelidade a capacidade de geração de cópias mais semelhante ao *meme* original. Recuero (2006) propõe uma classificação dos *memes* baseada nos três critérios de Dawkins e acrescentando outros baseados no alcance dos *memes* na rede.

Referente à fidelidade da cópia:

a) Replicadores: *memes* com variação reduzida e alta fidelidade à cópia original, tendo como principal função informar determinado fato;



Figura 1: *Meme* replicador

Fonte: Envio de grupos pelo aplicativo *WhatsApp*

b) Miméticos: são imitações, que apesar de modificadas permanecem com a essência e a ordem dos originais. Suas personalizações são feitas para adaptarem-se ao meio de disseminação.



Figura 2: *Meme* mimético

Fonte: Envio de grupos pelo aplicativo *WhatsApp*

Referente à longevidade:

a) Persistentes: são *memes* que permanecem por um longo tempo sendo replicados, podendo desaparecer momentaneamente, mas sempre retornando.

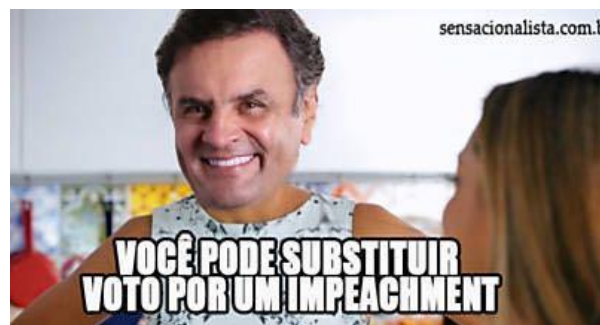


Figura 3: *Meme* persistente

Fonte: Envio de grupos pelo aplicativo *WhatsApp*

b) Voláteis: possuem um curto período de tempo e logo são esquecidos, pouco tempo após replicarem-se.



Figura 4: *Meme volátil*

Fonte: Envio de grupos pelo aplicativo *WhatsApp*

Referente à fecundidade:

a) Epidêmicos: possuem grande fecundidade, espalhando-se como uma epidemia.

Geralmente são originários de modismos e modos de comportamento.



Figura 5: *Meme epidêmico*

Fonte: Envio de grupos pelo aplicativo *WhatsApp*

b) Fecundos: se espalham por grupos menores e mais fechados, não sendo, portanto, epidêmicos.

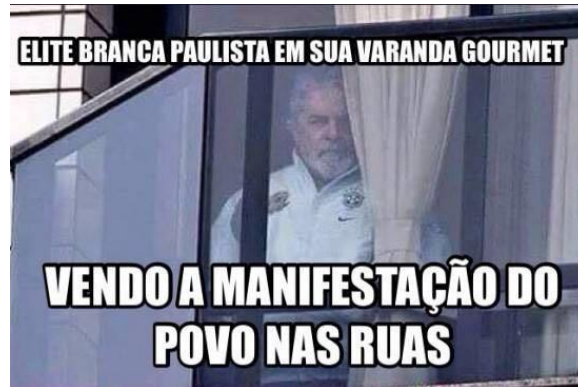


Figura 6: *Meme fecundo*

Fonte: Envio de grupos pelo aplicativo *WhatsApp*

Referente ao alcance:

a) Globais: são *memes* que aparecem mais dentre os laços fracos, possuindo grande alcance entre nós distantes, não sendo, porém, necessariamente fecundos.



Figura 7: *Meme global*

Fonte: Envio de grupos pelo aplicativo *WhatsApp*

b) Locais: são associados a laços fortes, sendo propagados entre pessoas que interagem frequentemente, ficando restritos inicialmente a poucos nós da rede, mas com potencial para tornarem-se globais.



Figura 8: *Meme* local

Fonte: Envio de grupos pelo aplicativo *WhatsApp*

***Memes* e o capital social**

Um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão vinculados a um grupo, por sua vez constituído por um conjunto de agentes que não só são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por relações permanentes e úteis. (Bourdieu, 1998, p. 67)

Dessa forma, capital social, na visão de Bourdieu, trata-se de um ativo individual capaz de determinar as diferenças desvantagens extraídas do capital econômico que uma pessoa tem, adquirido por meio das redes de conhecimentos, de influências que ele estabelece. Por fim, o capital social emerge das interações coletivas e pode ser transformado por um indivíduo em outros capitais, como simbólico ou econômico. (Bourdieu, 1998)

Existem dois tipos de capital social que surgem com a difusão das informações, o de natureza relacional, no qual caracteriza-se um apelo para a integração e aprofundamento dos laços sociais, e também o cognitivo, constituído pelo incremento do apelo informacional das mensagens em uma interação. (RECUERO, 2006)

Visto que a motivação dos usuários de uma rede social de espalhar *memes* está, de forma direta ou indireta, associada a um valor de grupo, os *memes* relacionam-se ao conceito de capital social. Ao propagar um *meme*, costuma haver intencionalidade na construção ou aprofundamento de um laço social. (RECUERO, 2006)

Considerações finais

Após uma breve incursão pela filosofia de Luc Ferry e seu diagnóstico do contemporâneo, pudemos nos deter mais especificamente nas transformações causadas pelo advento da Internet no campo da comunicação. Vimos também que através da cibercultura, formas de protesto, ironia e crítica de cunho político se manifestam nas redes sociais e, mesmo consideradas como “lixo cibernético”, podem repercutir os sentimentos e paixões democráticas, só possíveis, em estados livres.

Neste sentido, os *memes* adquiririam em um curto espaço de tempo, seu lugar no universo de comunicação da Internet, espalhando-se rapidamente, replicando-se nas mais diversas plataformas (Facebook, Twitter, WhatsApp, Instagram, entre outros) e criando um novo capital social, neste caso, rompendo as fronteiras tradicionais da comunicação entre emissor e receptor, em um movimento cíclico, transversal e transmidiático.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre (1980). **O Capital Social** – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 67.
- FERRY, Luc. **A inovação destruidora: ensaios sobre a lógica das sociedades modernas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- FONTANELLA, F. **O que vem de baixo nos atinge: intertextualidade, reconhecimento e prazer na cultura digital trash**. Trabalho apresentado no GP de Cibercultura. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7/set/2009.
- LLOSA, Mário Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- PRIMO, Alex. **Digital trash e lixo midiático: A cauda longa da micromídia digital**. In: Vinicius Andrade Pereira. (Org.). **Cultura Digital Trash: Linguagens, Comportamentos, Entretenimento e Consumo**. Rio de Janeiro: ePapers, 2007, p. 77-93.
- RECUERO, Raquel. **Memes em Weblogs: Proposta de uma Taxonomia**. In: XV COMPÓS, 2006, Bauru. Anais da XV Compós, Bauru, 2006.